

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

COLEÇÃO DE OBRAS RARAS

VII

VIAGEM
PELO NORTE DO BRASIL

NO ANO DE 1859

SEGUNDO VOLUME

ROBERT AVÉ-LALLEMANT

traduzido do original alemão por
EDUARDO DE LIMA CASTRO



RIO DE JANEIRO

1961

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

COLEÇÃO DE OBRAS RARAS

VII

Título original alemão:

REISE DURCH NORD-BRASILIE

IM JAHRE 1859

Leipzig: F. U. Brockhaus — 1860

Tradução de

EDUARDO DE LIMA CASTRO

Revisão estilística da Seção de Publicações do INL

Reservados os direitos de tradução para a língua portuguesa

ROBERT AVÉ-LALLEMANT

VIAGEM
PELO NORTE DO BRASIL

NO ANO DE 1859

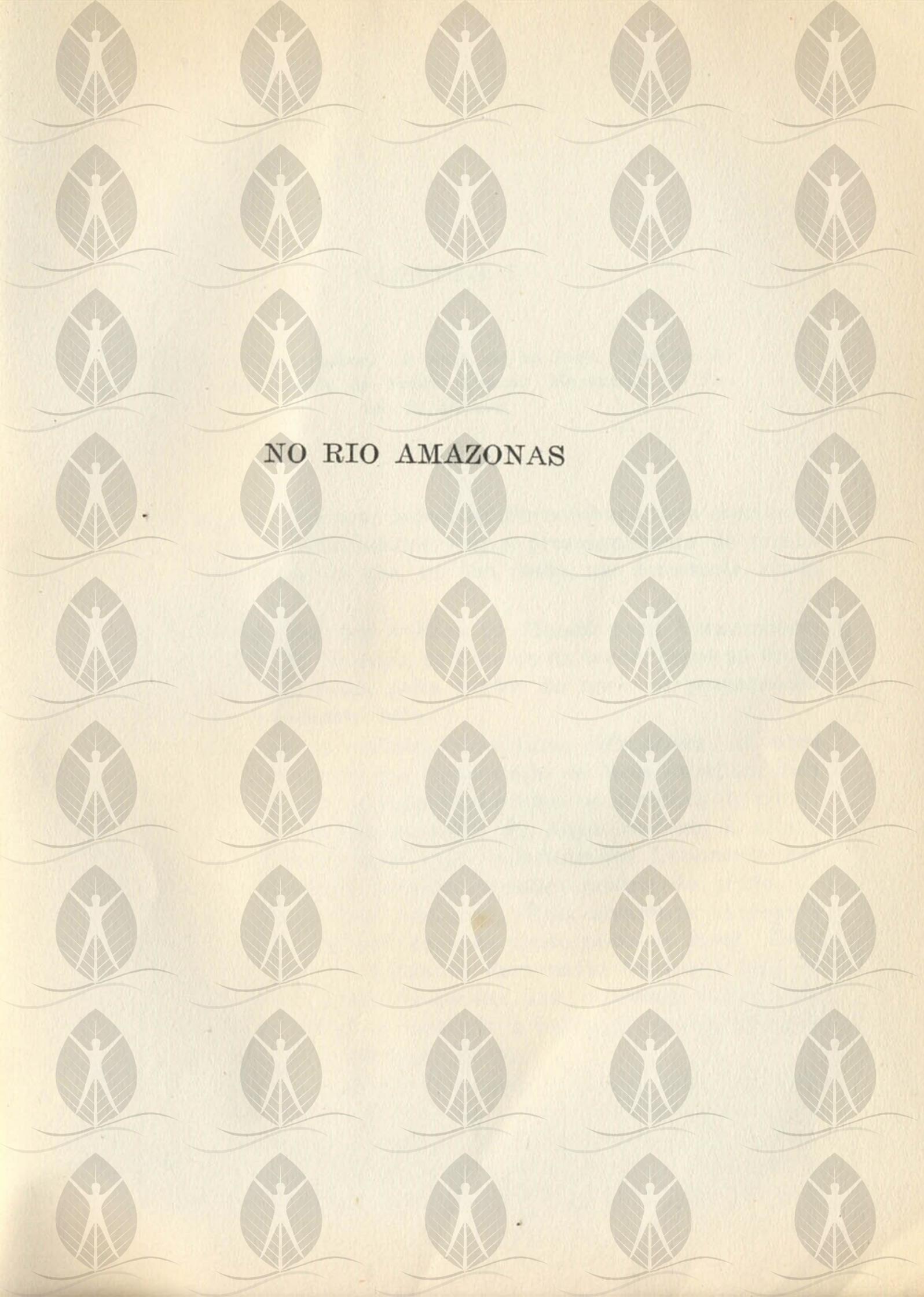
2.º VOLUME



AM 18.1
APR 80
V. 2

INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
RIO DE JANEIRO

1961



NO RIO AMAZONAS

CAPÍTULO I

Partida de Pernambuco. A costa até ao Pará. Paraíba do Norte. Rio Grande do Norte. Ceará. Maranhão. O Farol de Salinas.

PRECISEI apenas de poucas horas em Pernambuco para coordenar alguns assuntos relacionados com o prosseguimento de minha viagem, na esperança de que, no fim desta, me demoraria ainda muitos dias lá.

O “Oiapoque”, em que voltara de Maceió para Pernambuco, devia partir no dia 31 de maio, às 5 horas da tarde, rumo ao Pará, na sua viagem com escala pelos portos do norte, e preparei-me para embarcar novamente nêle.

Isso, porém, não se realizou sem alguma dificuldade. A maré viva dum mês de inverno e o forte vento de leste impeliam com extraordinária violência os vagalhões contra os arrecifes do pôrto. A espuma branca elevava-se acima do dique rochoso, à altura duma casa, e as ondas mais altas passavam-lhe livremente por cima do que resultaram diversos choques dentro do pôrto. O “Oiapoque” também sofreu com isso. Uma alvarenga carregada de carvão afundara, por ter ancorado muito perto do farol. Caso muito mais triste foi o do capitão dum navio fundeado fora do pôrto, no mar, no chamado Lameirão, que, querendo voltar para bordo, virou seu escaler, ao transpor a barra, e pereceu afogado com dois marinheiros e um passageiro.

Por isso os passageiros do “Oiapoque”, embora êste se achasse muito perto da terra, não puderam chegar a bordo sem alguma dificuldade. O violento embate das ondas e sobretudo a forte correnteza das águas das chuvas, que inundavam os arredores de Pernambuco, estorvavam e faziam perigar os botes, que remavam

em redor; e o meu barqueiro teve também a amabilidade, ao atracar no "Oiapoque", de deixar-me cair nágua um saco de roupa, que, porém, pescou novamente.

Depois das 5 horas, os passageiros, com menores ou maiores avarias, estavam todos a bordo, e o belo vapor zarpou. A correnteza, porém, para o mar, era tão forte, que a comprida embarcação não pôde fazer a volta, tendo de dar marcha à ré até ao norte do farol e depois, a uns 20 pés da famosa Tartaruga, aproar ao oceano. O possante corcel a vapor — foi o que me pareceu o nosso barco no momento — encabritou-se contra as ondas. Com alguma dificuldade pôde o piloto deixar-nos. Não tardou que a arrebentação e as pitorescas, belas cidades de Pernambuco e Olinda, outrora rainha daqueles mares, hoje um nome sem importância, ficassem muito atrás de nós; e ainda por longo tempo na noite um farol intermitente nos fez lembrar que acabávamos de deixar um pôrto importante.

De Pernambuco para o norte começa uma nova seção do império brasileiro. Pernambuco e Olinda constituem o extremo mais oriental do continente sul-americano, o ponto do qual o sudoeste estende mais longe a mão para o nordeste, para a Europa, e a distribuição de suas bênçãos. Mas a distribuição dessas bênçãos foi inteiramente diferente para o norte e para o sul desse notável promontório. A Europa, desde os primeiros tempos, procurou sempre o sul mais frio da extensa costa e não tardou a construir um monumento de civilização após outro, de Olinda às margens do Rio da Prata, monumento esse cujo alto valor e conscienciosa manutenção os povos que lá habitam, numa situação de independência política da Europa e de constituição, não quiseram ainda reconhecer devidamente, nem continuar a desenvolver.

Não obstante de Olinda para o sul predominar um inegável europeísmo, pelo menos francamente manifesto, o desenvolvimento de Pernambuco para o norte e noroeste tornou-se bastante diferente. O noroeste, mais quente e mais insalubre, por muito atraentes e prometedoras de lucros que fôsem suas terras, manteve, não obstante, afastados os normandos europeus daqueles tempos, espanhóis, portugueses e holandêses, e mal se assinala nalguns pontos qualquer forte desenvolvimento conforme com as normas nórdicas.

Devia-se esperar que o influxo vindo da Europa e desenvolvendo-se ao longo da costa sul tivesse exercido considerável influência sôbre o norte do Brasil, sôbre as regiões a noroeste do Cabo de S. Roque. Tev ecertamente muita influência, mas, nenhuma de grande importância.

Antes da fôrça do vapor afrontar as correntes e os ventos contrários sôbre os vastos oceanos, êsse norte do Brasil sofria as conseqüências das condições altamente peculiares de sua geografia física, cuja desvantajosa influência não pôde ser anulada, contudo está e será cada vez mais atenuada pela navegação a vapor.

A portentosa massa oceânica, acumulada no Gôlfo da Guiné, dada a confluência das correntes do sul e do norte, não acompanha com igual velocidade o giro equatorial da terra, antes desvia-se em maior quantidade para o oeste. Aí os postos avançados do continente sul-americano, os rochedos de S. Paulo, a Ilha de Fernando de Noronha, os arrecifes chatos das Rocas, dividem-na, forçando uma parte na direção noroeste, e outra para sudoeste ou sul; a primeira é a mais impetuosa, mais regular, a última a menos forte e sujeita mesmo a muitas modificações.

A corrente de Pernambuco para o sul varia, segundo as condições locais e meteorológicas, entre 46 e 24 milhas inglêsas, nas 24 horas. Essas foram exatamente a condições observadas pelos diversos navios em que viajei naquelas águas. Viagens em navios de vela do Rio para o norte, ao longo da costa, podem, por isso, com boas, embora não excelentes condições de vento, ser muito demoradas. A mesma viagem, feita em abril de 1859 no excelente vapor "Cruzeiro do Sul", do Rio à Bahia, em 69 horas, realizara-a em janeiro de 1855 no bom veleiro "Calatéia", uma corveta francesa, em 18 dias. Perdemos ao norte dos Abrolhos 44 milhas inglêsas, em 24 horas, por causa da corrente norte-sul. E contudo não era exatamente uma calmaria, embora não tivéssemos vento favorável.

Nos chamados meses de inverno, do sul, quando a monção do sudoeste se estende mais para o norte, essa corrente — assim dizem os navegantes ao longo da costa — torna-se inversa, porquanto o vento impele as massas de água para o norte. E isso parece de fato verdade, porquanto a grande seção da corrente

equatorial atlântica leste-oeste alcança muito mais longe ao sul, do que ficou dito antes. Quase se pode dizer que o sol determina, conforme está mais ao norte ou mais ao sul, tudo o que concerne às condições dos ventos e correntes intertropicais atlânticas. No inverno do sul, as monções do sudoeste alcançam mais longe ao norte e para além do equador do que no verão. Assim é que a água oceânica corre também mais profundamente do sudeste, da África para a América do Sul, e já no sul de Pernambuco, e dadas certas condições, no sul da Bahia mesmo, é interceptada e desviada em grande parte para o norte e mesmo para o nordeste, para correr então rumo ao nordeste. Realmente nasce da Bahia uma corrente de retôrno, modificada, procurando o norte, que, contudo, por certo só depende muito relativamente dos ventos do sul, que, porém, ao que me parece, com o predomínio dêsses ventos mana duma fonte de grandes atrações solares, e corre em direção ao norte, da mesma forma que tôdas as condições no verão do sul atraem dum modo notável para o sul. O mar e o ar correm então largamente para o sul.

Mais importante e mais regular do que essas correntes é a que flui do Cabo S. Roque para o noroeste. Só pode ser vencida por navios de vela, dadas condições muito favoráveis, de maneira que essa parte da costa, desde os primeiros tempos, foi muito pouco procurada, e só recentemente posta em mais estreita ligação com as costas europeizadas do Brasil, por meio duma linha regular de vapôres.

Acho por isso que tive razão, quando disse que, deixando o pôrto de Pernambuco, começava para nós uma nova seção da região do litoral do Brasil, cujo marco é em regra chamado Cabo S. Roque, um marco a que eu preferiria o Recife de Pernambuco, ou a histórica Olinda.

O "Oiapoque" navegou a meia fôrça tôda a noite. O 1.º de junho saiu do mar e das nuvens, pardacento e chuvoso, quando nos encontramos entre as margens inteiramente planas da embocadura dum rio, no lado sul da qual se erguia um pequeno forte, bem situado, porém muito mal conservado, a cêrca de 24 milhas alemãs a noroeste de Pernambuco. Era a foz do Rio Paraíba do Norte, rio sem importância, chamado do Norte para se diferenciar de

outro de igual nome no sul, que desemboca no mar, ao norte do Cabo Frio, e que dera o nome a uma pequena província.

O "Oiapoque" subiu-o na direção oeste e sudeste, por entre mangues, que apenas aqui e ali mostravam algum trecho firme com pequenas plantações. Tudo mangue, água salgada e estreitos canais de ligação entre si. Avançou assim 3 léguas, e ancorou no meio do rio salgado, que até ali e mais acima ainda se podia considerar uma enseada do mar; entrementes a maré vazava e não tardou que a pardacenta e fétida lama das margens se descobrisse até perto do vapor. Da cidade da Paraíba do Norte não se via absolutamente nada; não se podia vislumbrar uma casa, nenhum edifício através dos mangues, nos quais só se avistavam milhares de caranguejos correndo dum lado para outro. Algumas canoas, saindo dos diversos braços do rio, remaram para o vapor. Mas uma chuva persistente, que só cessava por alguns minutos, impediu fôssemos até a cidade, distante meia légua, por trás dos mangues, tanto mais por ter o "Oiapoque" de continuar sua viagem dentro dalgumas horas, e de aproveitar as boas condições da maré, para alcançar novamente o mar.

Não vira ainda capital de província com arredores tão insípidos. Tanto de bordo como a bordo mesmo, tornava-se cada vez mais viva em mim a convicção de que a Europa ficava um pouco mais longe dali. A sociedade a bordo não era muito seleta e notava-se certa impolidez na maioria dos companheiros de viagem. Passamos assim um dia monótono, como ainda não experimentara nas minhas viagens, entre os mangues e lodaçais da Paraíba do Norte. Consolava-me e alegrava-me ser rápida nossa estada ali.

De fato, já às 5 horas, deixamos o tão primitivo ancoradouro. O tempo mostrava-se muito melhor e já clareava mesmo. Por trás do verdor dos mangues, vimos então surgir, sôbre uma colina, a cidade da Paraíba do Norte, que, com algumas igrejas e belos edifícios, proporcionava belo aspecto. Descemos depois o rio calmo, no qual encontramos alguns navios ancorados, e chegamos a sua foz.

Junto ao forte, profundamente escondida entre o espêsso coqueiral, verdadeiro idílio índio, a povoação de Cabedelo, com uma pequena e acanhada igreja; na praia corria muita gente, sobretudo



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**